

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

TEREZINHA DE JESUS BARBOSA DE CASTRO

**JORNAL SINDICAL RURAL
UM INFORMATIVO NA ZONA RURAL DE BOA VISTA**

BOA VISTA-RR

2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E LETRAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

TEREZINHA DE JESUS BARBOSA DE CASTRO

**Jornal Sindical Rural
UM INFORMATIVO NA ZONA RURAL DE BOA VISTA**

*Projeto Experimental apresentado à
banca examinadora da Universidade
Federal de Roraima, como exigência
parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social –
Jornalismo, sob a orientação da Prof. Ms^a.
Vangela Moraes.*

BOA VISTA-RR

2003

TERMO DE AVALIAÇÃO

O Projeto Experimental, Jornal Sindical Rural - UM INFORMATIVO NA ZONA RURAL DE BOA VISTA, elaborada por Terezinha de Jesus Barbosa de Castro, foi submetido à Banca Examinadora como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, outorgado pela Universidade Federal de Roraima - UFRR, conforme Resolução n.º 065/93 e 079/94 - CEPE.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

Profª. Msª: Vângela Moraes

Prof. Ms. Noujain Pereira

Prof. Áurea Lúcia Melo Correa

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por ter me concedido saúde e espírito de luta para não desistir da concretização deste ideal.

À minha sobrinha Ádria Poliane, que ao passar por uma enfermidade letal sempre encontrou forças para lutar e me mostrou que nada está perdido enquanto existir fôlego de vida.

AGRADECIMENTOS

Sempre grata a Deus, pois Dele provém toda fonte de vida;

À minha família em geral e em especial ao meu esposo e filha, que juntos lutamos com um único objetivo: chegar à meta proposta;

À família Monteiro e a Sra. Dilú que souberam enxergar além de minhas forças, sempre acreditando num futuro potencial excelente e que um dia eu seria o que sou hoje.

À minha amada Mestra Vângela Morais, que de forma incondicional orientou-me na elaboração e conclusão deste projeto.

À todas as pessoas que de direta ou indiretamente me auxiliaram.

*“Mas o nobre projeta coisas nobres e
na sua nobreza perseverará”*

Isaias 32.8

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - Localização do Projeto	10
1.1 Município de Boa Vista	10
1.1.1 Histórico	10
1.1.2 Zona Rural de Boa Vista	11
1.1.3 Monte Cristo e Passarão	12
1.1.4 Projeto de Assentamento Nova Amazônia	12
1.2 Movimento Sindical Rural no Estado	13
1.2.1 O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista	15
1.2.2 Atuação do Poder Público na Agricultura de Boa Vista	16
1.2.2.1 <i>Projeto Estufa</i>	16
1.2.2.2 <i>Agendamento de equipamentos e implementos agrícolas</i>	18
1.3. Agricultura Familiar	19
1.3.1 A agricultura familiar em Roraima	20
CAPÍTULO II Jornalismo Sindical	22
2.1 Conceito	22
2.2 Confiabilidade da Notícia Sindical	24
2.3 Gênero, Compromisso com Rosto e Objetividade	25
2.3.1 Gênero	25
2.3.2 Compromisso com rosto	27
2.3.3 Objetividade	28
2.4 Jornalismo Sindical em Roraima	28
CAPÍTULO III Pesquisa de Campo	31
3.1 Os Trabalhadores Rurais	32
3.2 Sindicalistas e Diretores de Associações	36
CAPÍTULO IV O informe Rural	39
4.1.1 Descrição do produto gráfico	39
4.1.2 Descrição do Projeto Gráfico	40
4.2 Briefing do Projeto Gráfico e Especificação Técnica	42
CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICE	47
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

A criação e o desenvolvimento de um jornal sindical na zona rural do município de Boa Vista é uma proposta inovadora e, por sua vez arrojada, já que se propõe a levar informações e notícias aos trabalhadores rurais organizados no Sindicato Rural e nas Associações existentes.

A área de atuação é restrita ao setor rural da capital e trabalhará tanto com as lideranças quanto com os produtores rurais, intermediando o contato entre ambos. Os primeiros bairros a serem trabalhados serão: Operário, Campolândia, Monte Cristo e Nova Amazônia, onde já existem organizações como associações e cooperativas. No decorrer da implantação do projeto outros bairros e organizações serão incorporados.

O objetivo deste projeto é implantar um informativo sindical rural que terá como público alvo os pequenos produtores do município de Boa Vista. O processo de distribuição se dará através das associações dos bairros que delimitam a pesquisa. O jornal será impresso, inicialmente, em preto e branco, com formatação e conteúdo apropriado ao público alvo. O nome provisório do informativo, INFORME RURAL, reflete as idéias e atende às necessidades do seu público alvo.

O informativo divulgará a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiará os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; servirá de instrumento educativo e, principalmente, abordará assuntos ligados diretamente à agricultura, como cultivo, meio ambiente, financiamento, comercialização e a assistência técnica.

Para a entidade que irá produzir e distribuir o produto (jornal), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista (STR/BV), a importância do informativo se dá na manutenção de um contato próximo, possibilitando-se a troca de experiências

entre as lideranças do STR/BV, das Associações de Moradores e Produtores das localidades rurais da Capital e os respectivos moradores, contribuindo, desta forma, para a articulação dos moradores em prol de reivindicações comuns.

A justificativa para a realização deste projeto está na necessidade de se divulgar as atividades que o STR/BV vem desenvolvendo no que tange à conscientização dos trabalhadores no seu local de trabalho (como trabalhar a agricultura de forma sustentável, buscando a produtividade com qualidade e saúde), a busca de alternativas para a geração de emprego e renda, de forma a não continuar dependendo dos governos municipal e estadual.

A metodologia utilizada na pesquisa foi quanti-qualitativa, de natureza descritiva e analítica, onde os métodos empregados, entrevista, aplicação de questionário e análise bibliográfica, possibilitaram caracterizar a situação de carência de informação entre sindicalistas e agricultores do município de Boa Vista-RR.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, assim organizados: O primeiro trata da localização do Projeto, que caracteriza o município de Boa Vista e sua zona rural; O segundo traz a fundamentação teórica, que aborda a teoria existente relativo ao jornalismo e ao movimento sindical no Brasil e em Roraima; O terceiro capítulo destaca a pesquisa de campo, que demonstra os resultados obtidos a partir da aplicação dos questionários; e o quarto é a proposta do projeto “Informe Rural”, que trata das especificações técnicas relativas ao processo de produção do informativo.

CAPÍTULO I

LOCALIZAÇÃO DO PROJETO

1.1 MUNICÍPIO DE BOA VISTA

1.1.1 Histórico

A História de Boa Vista tem início nos primórdios do Século XIX, quando se estabeleceram pequenas fazendas localizadas no curso de diversos rios componentes da bacia do Rio Branco.

O Forte São Joaquim concorreu, juntamente com a introdução do gado nos lavrados do Rio Branco, como um dos principais fatores atrativos para o povoamento da região. Parte dos militares destinados a servir no forte, ou aqui chegados em outras missões, se adaptou e se instalou. Com a Lei nº 92, de 9 de novembro de 1858, o Governador do Amazonas cria, na bacia do Rio Branco, no lugar denominado Boa Vista, a Freguesia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco, localizada acima das cachoeiras Cujubim e Bem Querer.

Através do Decreto nº 19 de 09 julho de 1890, o Governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy, cria o Município de Boa Vista, desmembrando-o do Município de Moura, pertencente ao Amazonas. O mesmo decreto eleva à categoria de Vila a antiga Freguesia de Nossa Senhora do Carmo. Na época, Boa Vista tinha 164 casas e uma população estimada em 1.200 habitantes. Sua população era composta por portugueses, brasileiros de outros estados, índios, mestiços e negros vindos da Guiana Inglesa.

Hoje Boa Vista é composta por 50 Bairros: 13 de Setembro, 31 de Março, Aeroporto, Alvorada, Asa Branca, Bela Vista, Buritis, Caçari, Caimbé, Calungá, Cambará, Canarinho, Caranã, Caumé, Centenário, Centro, Cidade Satélite, Cinturão

Verde, Distrito Industrial Governador Aquilino Mota Durte, Bairro dos Estados, Doutor Silvio Botelho, Doutor Silvio Leite, Equatorial, Jardim Caranã, Jardim Floresta, Jardim Primavera, Jardim Tropical, Jôquei Clube, Liberdade, Marechal Rondon, Mecejana, Nossa Senhora da Aparecida, Nova Canaã, Nova Cidade, Olímpio, Operário, Paraviana, Pintolandia, Piscicultura, Pricumã, Professora Araceli Souto Maior, Raiar do Sol, Santa Luzia, Santa Tereza, São Francisco, São Pedro, São Vicente, Senador Helio Campos, Tancredo Neves, União.

1.1.2 Zona Rural de Boa Vista

Além dos cinquenta bairros urbanos que compõem a Capital, há também áreas que são caracterizados pela atividade agrícola. Essas áreas são mistas como acontece no chamado Cinturão Verde da Capital, que compreende os bairros Operário e Senador Helio Campos, sendo que este último chamava-se Campolândia.

A história da ocupação destes dois bairros é marcada por muitas lutas. Primeiramente, estas terras foram distribuídas em época eleitoral e, com elas muitas promessas de legalização e desenvolvimento.

O objetivo principal dessas ocupações era a formação de hortas comunitárias para o aproveitamento de mão-de-obra dos moradores do bairro Pintolândia e o desenvolvimento de atividades econômicas. Entretanto, essas áreas, assim como outras da periferia de Boa Vista, sempre estiveram envolvidas em questões judiciais, de contestação ao direito definitivo de posse da terra.

Assim sendo, o movimento sindical, juntamente com a associação de moradores do bairro Senador Hélio Campos, encaminhou uma proposta à Câmara Municipal de Boa Vista, visando a transformação daquele bairro em área rural, a fim de garantir aos trabalhadores todas as prerrogativas dos direitos proveniente. Através da Lei Municipal 575/2001, esta conquista foi assegurada, foi garantido.

1.1.3 Monte Cristo e Passarão

As áreas rurais Monte Cristo e Passarão possuem duas vertentes principais: são consideradas áreas rurais – com todos os benefícios daí advindo – e áreas de chácara de lazer.

Essas áreas fazem parte de projetos que abrigaram milhares de pessoas que lá residem e produzem. Boa parte da produção é proveniente de hortas, granjas de corte e postura e piscicultura.

Mesmo sendo essas localidades consideradas as mais antigas, não possuem associações e o movimento sindical tem pouca inserção.

1.1.4 Projeto de Assentamento Nova Amazônia

O Projeto de Assentamento Nova Amazônia é um novo modelo de reforma agrária no Estado. No local pretende-se assentar 237 famílias até o final de 2003 e 1.200 até 2005, segundo dados do Incra¹ – Instituto de Colonização e Reforma Agrária.

A maior novidade deste projeto, em relação aos outros, está na proximidade dos centros consumidores, terras férteis, abastecimento de água e energia elétrica.

A área é na antiga fazenda Bamerindus, a 30 quilômetros de Boa Vista, facilitando a escoação, comercialização da produção e possibilitando a integração dos assentados com a comunidade.

¹ www.ibge.gov.br/sr/roraima

Outra novidade está na questão da moradia, pois as casas serão construídas em regime de mutirão, obedecendo a um padrão arquitetônico próprio: serão de alvenaria, com telhado de barro, medindo 54 metros quadrados cada. Cada unidade terá sala, cozinha, quarto, banheiro e área de serviço. Uma casa modelo já foi construída no local e a sede do assentamento já conta com estradas e redes de distribuição de água e energia elétrica.

O assentamento tem uma área de 44 mil hectares que pertenceu à antiga Fazenda Bamerindus, repassada ao Incra em 2001 como pagamento de dívidas, em razão da falência do grupo financeiro. Dessa área, 35% são de reserva legal. Em abril, o Incra iniciou estudos para a verificação da fertilidade do solo, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA).

Para comprovar a potencialidade produtiva da área foram instalados experimentos com lavouras de milho e sorgo, além da criação de animais.

A instalação do projeto foi antecedida pela realização de um zoneamento ecológico prévio onde foram verificados o solo, clima, água, subsolo, fauna e flora da região. A partir disso, foram avaliadas as potencialidades da área e identificadas as culturas que seriam mais apropriadas para exploração do local.

O Incra trabalha com a perspectiva de estimular a realização deste tipo de levantamento nos assentamentos implantados na Região Norte.

O Projeto de Assentamento Nova Amazônia I é bem diferente das demais áreas rurais da capital, uma vez que é uma área típica de Reforma Agrária.

1.2 MOVIMENTO SINDICAL RURAL NO ESTADO

O movimento sindical dos Trabalhadores Rurais em Roraima teve seu pré-início no final da década de 70, a partir dos projetos de colonização do governo e da chegada e assentamento dos migrantes ao longo das BR 210 (Perimetral Norte) e BR 174 que liga Manaus a Boa Vista e chega até a Venezuela.

Esses trabalhadores foram abandonados em longos “picadões”, pretensas vicinais hoje existentes. Essas pessoas não tinham acesso à política de assistência, ficando expostos às doenças tropicais, sem escolas para seus filhos e nenhuma condição de produzir, escoar e comercializar a produção.

A partir dessa situação, iniciou-se o processo de discussão nas comunidades eclesiais de base, da igreja católica, ação que visava uma forma de organização no sentido de reivindicar seus direitos.

Com o apoio dos párocos dos municípios de São Luiz do Anauá e São João da Baliza foram fundados os primeiros sindicatos rurais, como os Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais - STTRs nos respectivos Municípios, atividade que chegou a influenciar os vizinhos Caracaraí e Mucajaí.

Dados da Federação dos Trabalhadores na Agricultura – FETAG, destacam que foram vários anos de lutas isoladas, sendo que cada um defendia o que visualizava na sua dimensão geográfica, contando às vezes com assessoria da Comissão Pastoral da Terra Regional Amazonas (CPT-AM) e da Igreja Católica, com suas restrições, por se tratar de uma entidade de outro estado. Observa-se que a ajuda advinda dessas instituições não foi suficiente para atender às demandas do seguimento.

Com a criação do Grupo de Trabalho Amazônico (GTA), em 1992, o movimento sindical passa a conhecer o cenário da Amazônia, contribuindo para uma ampliação da visão orgânica do movimento como um todo. A partir deste contato também aumentou o nível de consciência ecológica dos integrantes que se

demonstravam preocupados com o desaparecimento dos recursos naturais renováveis e não renováveis e, principalmente, no que se diz respeito à fauna, flora e recursos hídricos.

Com a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT-RR) em 1994, iniciam-se as discussões no sentido de unificar as lutas do(a)s Trabalhador(a)s Rurais do Estado.

A partir daí, começou um processo lento de formação sindical, centrando esforços no movimento associativista e cooperativista. Movimentos estes que devido à influência de grupos políticos que na época utilizavam este espaço para fins eleitorais, dificultou ainda mais o trabalho, já que se tratava de mudança de mentalidade.

Atualmente existem onze sindicatos com representação municipal e mais a Federação dos Trabalhadores Rurais de Roraima, que congrega os sindicatos municipais e é filiada à CONTAG – Confederação Nacional do Trabalhadores Rurais e à CUT – Central Única dos Trabalhadores. Apenas os municípios de Bonfim, Pacaraima, Uiramutã e Normandia ainda não possuem representação sindical. No Município do Bonfim, no entanto, existe uma comissão discutindo e organizando os trabalhadores e trabalhadoras rurais.

1.2.1 O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista

No município de Boa Vista, o Sindicato dos Trabalhadores Rural foi fundado em 17 de julho de 2001, contando hoje com aproximadamente 320 filiados, abrangendo todas as áreas rurais do município.

A maior atuação, no entanto, é nas localidades Campolândia (senador Hélio Campos) e Operário, identificada como “área rural novo horizonte” no perímetro urbano, sendo que a maior dificuldade das associações é a luta pelo direito e

reconhecimento como trabalhador rural para garantir os seus benefícios, já conquistado pelo movimento sindical há décadas. Nas outras áreas o sindicato tem uma dificuldade maior de atuação dada à grande abrangência territorial e às escassas condições logísticas para desenvolver o trabalho.

Atualmente o sindicato está instalado provisoriamente na sede da Associação Alternativa de Hortifrutigranjeiros de Boa Vista, no bairro Senador Hélio Campos e tem como presidente o Sr. Zaqueu Martins.

O sindicato está empenhado no avanço do Projeto de Assentamento Nova Amazônia, região que abrigará uma grande quantidade de famílias, cujo objetivo é trabalhar na agricultura familiar.

Outra frente de trabalho do Sindicato é a pesquisa de todas as áreas disponíveis para agricultura na Capital no sentido de destiná-las ao assentamento de famílias com vocação agrícola, garantindo, dessa forma, o direito ao acesso à terra, e, conseqüentemente, gerando emprego e renda.

1.2.2 Atuação do Poder Público na Agricultura de Boa Vista

Atualmente se tem notícias de poucas ações governamentais na agricultura de Boa Vista. Segundo às lideranças do sindicato e das associações, esse fato se dá em razão da não conscientização dessas autoridades quanto à importância e a potencialidade agrícola do município. A exceção é o Projeto Estufa e o agendamento de implementos agrícolas, demonstrado a seguir.

1.2.2.1 Projeto Estufa

A Prefeitura de Boa Vista iniciou o projeto piloto do Projeto Estufa em 2001, onde foram construídas quatro estufas em quatro bairros diferentes para avaliar o nível de adaptação de culturas e do agricultor. Como o resultado foi consideravelmente positivo iniciou-se a segunda fase, com a construção de 84 (oitenta e quatro) novas estufas em vários bairros. Nesta fase a prefeitura contou com financiamento da SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus.

Na fase seguinte foram construídos mais 120 (cento e vinte) unidades, desta vez, com financiamento do Ministério da Ação Social, totalizando 208 (duzentos e oito) estufas.

Os principais objetivos do projeto são: fixar o pequeno agricultor na propriedade; implementar novas tecnologias; incentivar a agricultura familiar; e reduzir a dependência do município em relação às hortaliças importadas de outros Estados.

As vantagens no cultivo de hortaliças e frutos protegidos em estufa vão desde à redução do uso de agrotóxicos, garantindo produção regular durante todo o ano, inclusive no período das chuvas. As estufas possuem controle de umidade por gotejamento e microaspersão, sendo este processo de irrigação garantido pelo menos em 80 (oitenta) propriedades, com 80 (oitenta) poços artesianos.

O projeto garante, ainda, orientação técnica e estudo de mercado para produtos hortifrutigranjeiros, contando com um engenheiro agrônomo e quatro técnicos agrícolas que fazem as visitas de assistência em motocicletas.

Nas estufas são plantados, sobretudo, hortifrutigranjeiros como coentro, alface, pimentão e cebolinha, entretanto outros agricultores cultivam flores e plantas medicinais.

Boa parte da produção de hortaliças é exportada para Manaus e o restante abastece feiras e mercados locais.

Para aumentar as vendas, foi constituída a Cooperativa do Projeto Estufas, em março de 2003.

Segundo dados da prefeitura, os produtores atendidos tiveram um significativo aumento da renda das famílias, variando de R\$ 800 a R\$ 1.200 mensais, além de gerar pelo menos dois empregos em cada estufa.

O projeto atende pequenos produtores residentes na **área urbana**, distribuídos em 20 bairros: 13 de setembro, Aeroporto, Buritis, Caimbé, Cauamé, Centenário, Cinturão Verde, Distrito Industrial (Jardim das Copaíbas), Dr. Sílvio Botelho, Dr. Silvio Leite, Jardim Caranã, Jardim Floresta, Jardim Primavera, Jardim Tropical, Nova Cidade, Operário, Professora Aracelis Souto Maior, Raiar do Sol, Senador Hélio Campos, União. Na **Área Rural** os produtores estão distribuídos em 5 localidades: Água Boa, Bela Vista/Bom Intento, Loteamento Caranã., Monte Cristo, Santa Fé.

Além das estufas espalhas nos bairros e localidades acima citadas o projeto mantém estufas na Embrapa e na Universidade Federal de Roraima (Campus do Cauamé), destinadas a pesquisa de novas tecnologias, melhoramento de sementes etc. Na Penitenciária Agrícola do Monte Cristo, a estufa objetiva contribuir no processo de re-socialização dos detentos, gerando renda e ajudando na redução da pena. Outras duas são mantidas nos Projetos da Prefeitura Municipal de Boa Vista: Crescer e Meninos do Dedo Verde

1.2.2.2 Agendamento de equipamentos e implementos agrícolas

A prefeitura mantém um programa de agendamento de equipamentos, onde o agricultor que necessitar desses materiais pode marcar um dia e utilizar-se do equipamento e do operador, tendo como contrapartida o combustível.

Os equipamentos são um trator 4x4, arado mecânico (preparo do solo), roçadeira (para limpar a área), enxada rotativa, encanteirador (deixa o canteiro pronto para plantar), carreta agrícola e perfurador de solo (confecciona covas para plantio de culturas permanente) e um caminhão 3x4.

Para ter acesso a esse serviço o agricultor não precisa fazer parte do projeto estufa. A preferência é dada às solicitações coletivas de propriedades vizinhas.

A idéia do agendamento atende uma parcela dos produtores, entretanto, dada a escassez de equipamentos acaba não conseguindo atingir a todas as necessidades.

1.3. AGRICULTURA FAMILIAR

A **agricultura familiar** é definida por Abramovay (1997) como aquela em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho vêm de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento.

A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação -FAO e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (1996), definem a agricultura familiar a partir de três características: a gerência da propriedade rural é feita pela família: o trabalho é desempenhado na sua maior parte pela família; e os fatores de produção pertencem a família (exceção às vezes, à terra) e são passíveis de sucessão em caso de falecimento ou aposentadoria dos gerentes.

Define-se **agricultor familiar** como todo aquele que tem na agricultura sua principal fonte de renda (+ 80%) e cuja força de trabalho utilizada no estabelecimento venha fundamentalmente de membros da família. É permitido o emprego de terceiros temporariamente, quando a atividade agrícola assim necessitar. Em caso de contratação de força de trabalho permanente externo a família, a mão-de-obra familiar deve ser igual ou superior a 75% do total utilizado no estabelecimento.

Segundo Montoya (1998), em geral, o produtor que administra individualmente, com sua família, uma área reduzida de terra (própria ou de outros) e que nela emprega predominantemente mão-de-obra familiar, cuja produção está parcial ou totalmente orientada para o mercado, é denominado como agricultor familiar.

Estudos indicam que a agricultura familiar deve ser muito analisada e debatida, tanto pela importância que merece devido à posição da produção familiar no contexto agrícola, quanto pela falta de dados e informações de censos agropecuários.

1.3.1 A agricultura familiar em Roraima

A agricultura familiar em Roraima pode ser caracterizada a partir de dados divulgados pela Central dos Assentados de Roraima – CAR, Cooperativa de Trabalho, Assistência Técnica e Extensão Rural da Região Norte do Brasil – COTERRA, Associação dos Colaboradores no Apoio da Agricultura na Amazônia – na audiência pública realizada na Assembléia Legislativa do Estado no ano 2000.

A situação da agricultura familiar em Roraima é definida como crítica, por não ter perspectivas; falta de desenvolvimento e de estruturas mínimas nos assentamentos; ausência de políticas públicas sérias e programadas; o fato de os produtores rurais não conseguirem dar respostas aos pequenos desafios encontrados em seu dia-a-dia rural; falta de incentivo, informação e a não compreensão por parte do produtor rural do que está acontecendo no mundo, tornando este produtor um eterno dependente das estruturas de governo e um escravo dos políticos em época de eleição.

Observa-se que as causas desses problemas são fatores como o trabalho isolado na comercialização, o que contribui para que o pequeno agricultor perca poder de barganha; a falta de garantia da constância no fornecimento do produto,

assim como a falta de qualidade do mesmo; a ausência de industrialização necessária para os produtos provenientes da produção familiar; a carência de informações fundamentais para o produtor, necessárias para a inserção de seus produtos no mercado, fato que favorece os atravessadores, já que tornam-se mais eficientes e organizados que os produtores, ocorrendo assim, uma real transferência de renda do setor produtivo para a rede de intermediários atuantes na região, já que passa a ser uma atividade mais interessante, pela maior rentabilidade e menor risco que o setor produtivo.

Uma das características da agricultura de Roraima, de acordo com Costa (1998:63), é a presença de culturas de subsistência ou de autoconsumo em imóveis rurais de todas as classes de área. A cultura de subsistência e a comercial não existem em estado puro.

O estudo do autor acima citado, também destaca que a acelerada urbanização do Estado nas décadas recentes, com o surgimento de novas cidades e o crescimento demográfico das existentes – como a população de Boa Vista, que entre 1980 e 1991 saltou de 51.662 para 142.813, e de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a partir do Censo de 2000, conta com 200.568 – passou a exigir que pelo menos os setores mais carentes de suas populações pudessem ter acesso a gêneros alimentícios locais.

Aponta-se também o surgimento de indústria que necessita de bens agrícolas para beneficiar ou transformar, em especial alimentos.

Inexiste na Capital estudos detalhados sobre a problemática da agricultura familiar, entretanto, é notório que a grande maioria dos produtores da capital se enquadra naquilo que é definido como agricultura familiar, uma vez que trata-se horticultores, produtores de frutas, pequenas granjas de corte e postura e pequenos piscicultores.

CAPÍTULO II

JORNALISMO SINDICAL

2.1 CONCEITO

O Jornalismo sindical diz respeito ao trabalho de comunicação desenvolvido pelas organizações sindicais junto aos trabalhadores que elas representam e também junto à sociedade como um todo. Pode-se incluir, também, sob esta designação, a comunicação posta em prática pelas associações de trabalhadores, como, por exemplo, a associação dos docentes ou as que representam os funcionários de uma empresa.

Na prática, o jornalismo sindical busca sensibilizar ou mobilizar os trabalhadores para a defesa dos seus direitos, repercutindo suas lutas e conquistas junto aos diversos públicos, como empresários, classe política, jornalistas e formadores de opinião.

O Brasil tem uma larga tradição na área do Jornalismo sindical, destacando-se, sobretudo, nas últimas décadas, a experiência e a competência comunicacional de alguns sindicatos no sul e sudeste.

Para entender melhor essa vertente do jornalismo é preciso compreender um pouco do funcionamento e das ações das entidades sindicais. Essas ações carecem de análise, apontadas por Offe – citado por Ferraz (2000) – como um marco da ação coletiva pautada pelas seguintes características: 1) atuação no nível

da integração social, considerando que a desintegração significa conflito, ausência de conflito e de aceitação; 2) padrão dialógico de ações coletivas. Há necessidade de conciliar os padrões monológico e dialógico no interior da organização; 3) potencial de poder criado pela própria organização; 4) exercício do poder realizado através da atividade dos membros; 5) uso ofensivo do poder; 6) uso do poder manifesto e concentrado, pois as organizações sindicais comumente são associadas às chamadas “reivindicações salariais”; 7) comunicação em termos de demandas e reivindicações normativas explícitas; 8) legitimação da atividade organizada, em termos de reivindicação particular e defesa de interesses específicos dos beneficiários.

Em outras palavras, o que o autor enumera traduz-se simplesmente em agregar e transmitir interesses.

Giannotti², jornalista e dirigente sindical, em entrevista a Ferraz (2000), reconhece a necessidade que se impõem ao jornalista de ter uma visão global favorável à classe trabalhadora. Para ele, nos últimos dez anos, o jornalista sindical deixou de ser o militante da mesma tendência política do dirigente sindical, para ser um profissional especializado.

Observa-se que, apesar da maior profissionalização da qual fala Giannotti, a necessidade do posicionamento político ideológico é apenas o primeiro de vários novos problemas que se apresentam ao jornalista. Outros problemas advêm da nova ação jornalística que se concretiza neste encontro do jornalista com um novo ambiente organizacional, colocado pelo sindicalismo. Chama-se a atenção para a necessidade de se considerar as características diferenciadas que esta forma *sui generis* de comunicação desenvolve.

² Vito Giannotti é dirigente da CUT-São Paulo e um jornalista formado na prática do jornalismo sindical. Hoje, através de seus cursos ao lado da jornalista Cláudia Santiago e de seus livros, é um dos principais formadores de jornalistas sindicais junto aos sindicatos cutistas.

2.2 CONFIABILIDADE DA NOTÍCIA SINDICAL

Segundo Ferraz (2000), desde o anarco-sindicalismo de italianos e espanhóis no início do século XX, no Brasil, a comunicação se constituiu como uma vertente da ação sindical. *“Não há militância política ou sindical sem comunicação. Militância e ação comunicativa tendem a se confundir a ponto da imprensa sindical ser identificada como um instrumento de ação.”*

Ressalta ainda o autor que esta característica confere limites e, ao mesmo tempo, potencialidades à imprensa sindical que são estranhas à grande imprensa.

Observa-se que as notícias da grande imprensa são atos impressos em um veículo. São consideradas um relato, fruto de um processo de abstração da ação, que se apresenta aos indivíduos sem historicidade, como ficha simbólica.

É neste sentido que se afirma que os meios de comunicação fazem os indivíduos vivenciarem com familiaridade fatos que lhe são distantes. Entretanto, o indivíduo – leitor, ouvinte, telespectador – não experimenta estes fatos. Os meios de comunicação promovem uma participação imediata dos indivíduos nos acontecimentos, mas uma participação alienada, alheia ao acontecimento em si, conforme preceitua Ferraz (2000).

Constata-se que à medida em que esta participação é alheia ao próprio acontecimento – por não ser experimentada – a possibilidade do agente colocar algum problema que venha a perturbar a atitude natural é reduzida.

Nesse sentido, observa-se que o mesmo não se aplica à imprensa sindical. Esta, como parte integrante da ação sindical, as notícias de um jornal de sindicato não são, simplesmente, atos impressos. São pontos de chegada de um processo de abstração, ao contrário, são meio para desencadear um complexo sistema de ações.

Ainda que exista um processo de abstração da ação, devido ao seu congelamento como um ato impresso, o seu caráter implicativo – ou seja, o novo status de seu valor-notícia – faz com que o leitor não vivencie, mas experimente e viva os acontecimentos ali relatados (Ferraz, 2000).

Observa o estudioso que o problema da confiabilidade de uma notícia na imprensa sindical adquire, assim, uma complexidade diferenciada, que não pode ser solucionada da mesma maneira que na grande imprensa.

2.3 GÊNERO, COMPROMISSO COM ROSTO E OBJETIVIDADE

No jornalismo sindical apontam-se três fatores de confiabilidade: gênero, compromisso com rosto e objetividade.

Considera-se a objetividade como aquela onde se encontra a força legitimadora da ação jornalística, devido à sua identificação com a racionalidade instrumental que se encontra na raiz da modernidade. Estes três fatores sofrem alteração na imprensa sindical porque esta se insere em um marco específico da ação sindical – a militância. Sua confiabilidade está conectada a uma identificação com liderança, com coerência política e ideológica, com resultados práticos em questões corporativas e com a luta de classes.

2.3.1 Gênero

Analisa-se o gênero como uma estratégia de comunicabilidade que perde a força original que possuía na grande imprensa.

De acordo com Ferraz (2000), o jornalista profissional procura inserir um formato inspirado na grande imprensa e facilmente reconhecível na expectativa de ampliar a credibilidade do jornal sindical. Entretanto, este novo formato de *lead* enfraquece sua eficácia, quando associado à necessidade dialógica da ação sindical.

Na grande imprensa, o gênero, assim como a padronização de diagramação e edição, conjuga-se a um conteúdo zero em termos de probabilidade de se criar problemas ao leitor. Na imprensa sindical, o gênero não encontra um par perfeito no conteúdo problemático que a notícia carrega, devido às suas implicações cotidianas para o trabalhador. Portanto, ainda que um texto facilmente reconhecível, uma boa diagramação, uma boa titulação possam ser bons atrativos para que o trabalhador leia o jornal sindical, não conseguem reforçar a credibilidade das notícias ali veiculadas, como ocorre na grande imprensa, pois nele estão em jogo decisões políticas que afetam diretamente a vida do trabalhador.

A adoção de um gênero próximo ao que é praticado na grande imprensa introduz um segundo problema: o de um aprofundamento do grau de impessoalidade da notícia sindical. Observa-se que o linguajar do trabalhador desaparece atrás de uma linguagem de massa, misturada a um sindicalês³. Este tom impessoal, de acordo com Giddens, citado por Ferraz (2000), característico do sistema perito jornalístico genérico, traz consigo o problema da menor gratificação psicológica da confiança em sistemas abstratos.

³ O termo sindicalês é utilizado por GIANNOTTI e SANTIAGO para designar os termos próprios dos dirigentes sindicais que nem sempre são acessíveis aos trabalhadores. Sobre este assunto ver GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. *Comunicação Sindical* : Falando para milhões. Petrópolis: Vozes, 1997. Em anexo, os autores reproduzem um dicionário de sindicalês, com termos recolhidos por Cosette Castro.

2.3.2 Compromisso com rosto

Ensina Ferraz (2000) que, agregada imperativamente à ação política, não é possível à imprensa sindical associar a simulação de um contato com um técnico ou perito como forma de reintroduzir o compromisso com rosto.

Como instrumento de ação, a credibilidade de um jornal sindical está intrinsecamente conectada com o rosto ou a presença da liderança política identificável como responsável pela ação, seja o diretor ou o militante de base. O compromisso com rosto é para a imprensa sindical, um componente de credibilidade mais delicado que para a grande imprensa. Não basta, apenas, a matéria assinada pelo dirigente ou sua fotografia no jornal sindical, pois neste caso será uma simulação contribuindo mais para a mitificação deste ator do que para conferir credibilidade. Este compromisso tem que ser renovado dia a dia, no chão da fábrica, banco, empresa ou escola que compõem a base do sindicato.

É importante atentar para o fato de a credibilidade depender diretamente da ação e da presença de dirigentes e militantes.

Para Giannotti e Santiago (1999:47) o tripé do sucesso constitui-se na diretoria, jornalista e militantes de base, sendo que esta dependência de uma ação contínua e da presença, vincula-se ao caráter problemático do conteúdo que é veiculado pela imprensa sindical.

Considera-se que trabalhando com a implicação do acontecimento e incitando o leitor a uma ação, a imprensa sindical confronta a atitude natural, colocando problemas. Nesse sentido, para que as soluções que traz sejam apreciadas, ela necessita de um grau de confiança mais elevado porque necessita de um compromisso pessoal.

Observa-se que nos temas e assuntos da grande imprensa – guerras, partidas de futebol, decisões do presidente – as alternativas de envolvimento são

mínimas e não há porque colocar sistematicamente em dúvida as informações, reforçando a atitude natural. No entanto, na imprensa sindical, não só o grau de implicação é maior e se exige um envolvimento, como outras versões e possibilidades são oferecidas pela conversa com os colegas, pela ação incisiva dos gerentes e pelos boletins das empresas.

2.3.3 Objetividade

Quanto ao paradigma da objetividade, questiona-se se a tradicional objetividade jornalística resiste ao contato com a organização sindical. Sendo esta questão discutida ao longo da existência do jornalismo sindical, na atualidade preocupa não só jornalistas, mas também dirigentes sindicais. Conclui-se que, constituindo-se em uma comunicação institucional – representante de um discurso classista – a neutralidade não é possível na imprensa sindical, nem mesmo como simulacro. Para Gilmar Carneiro, ex-presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, em entrevista concedida a Vieira, citado por Ferraz (2000), a imprensa sindical é muito restrita e não consegue se desfazer da imagem de veículo parcial, enquanto a imprensa burguesa é considerada neutra.

Observa-se que enquanto na grande imprensa os interesses particulares são associados com os interesses da sociedade, na imprensa sindical os interesses particulares são decodificados como interesses corporativos.

2.4 JORNALISMO SINDICAL EM RORAIMA

Em Roraima considera-se que o jornalismo sindical existe, entretanto não se tem registro de experiências com vida longa. Normalmente reflete um determinado

momento da vida política do sindicato: início e final de mandato de diretoria, tentativa de readquirir credibilidade da base ou movimento de resistência ou, ainda, oposição.

A principal característica é o imprevisto, não se observa a existência de planejamento e continuidade. A figura do jornalista, não rara vezes, é substituída por um diretor.

Poucos jornalistas trabalham com esta área em Roraima. Destes a autora entrevistou o jornalista Pablo Sérgio, que explicou como se dá esse trabalho. Ele tem uma empresa de consultoria e assessoria de imprensa. Há mais de dez anos trabalha com movimento sindical.

Segundo Pablo Sérgio o jornalismo sindical não existe em Roraima, uma vez que não há continuidade nas iniciativas que surgem. Os textos não são jornalísticos *‘mesmo quando elaborado pelo jornalista’*, uma vez que tem sempre o caráter opinativo, expressando a idéia dos dirigentes. Pablo já trabalhou em aproximadamente oito entidades sindicais, entre as quais o Sinter – Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Roraima, o Sindsep – Sindicato dos Servidores Públicos Federais de Roraima, o Sindicato dos Bancários - SEEB, o Sindicato dos Urbanitários - STUR, a Central Única dos Trabalhadores em Roraima – CUT – RR, o Sintjur – Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário, Poder Legislativo, Ministério Público e Tribunal de Contas do Estado de Roraima e a Fetag – Federação dos Trabalhadores Rurais de Roraima.

Para ele os principais problemas são a falta de recursos e a dificuldade de distribuição do material impresso. Entidades como a CUT, Sinter e Sindsep não têm problemas financeiros para imprimir e contratar profissionais de jornalismo, entretanto, como as suas bases são muito grande e dispersa por todo o Estado, não conseguem distribuir.

Já o Sintijur, SEEB e STUR têm facilidade em distribuir, mas esbarram na questão financeira. Ultimamente o Sintjur tem buscado resolver esse problema, pois um diretor sindical que é jornalista faz a produção dos textos e a diagramação, restando ao sindicato arcar com a impressão.

Desta forma, a produção de material impresso voltado para o movimento sindical em Roraima tem sido de caráter panfletário, expressando a necessidade do momento.

O que se pretende fazer no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista é um trabalho planejado – por isso a elaboração deste projeto experimental – contando com a parceria de outras entidades (associações e Federação) que possuem a mesma base e já desenvolvem trabalhos em conjunto, resolvendo, assim, os problemas do financiamento e da distribuição.

CAPÍTULO III

PESQUISA DE CAMPO

Foram realizadas duas pesquisas prévias, a primeira com os sindicalistas e diretores de associações e a segunda voltada para os trabalhadores rurais. O questionário foi aplicado em visitas realizadas nas localidades delimitadas na pesquisa. A área escolhida para entrevista com os trabalhadores rurais compreende os bairros Senador Hélio Campos e Operário entre os dias 15 a 19 de dezembro.

As perguntas foram elaboradas no sentido de identificar as necessidades dos produtores, bem como definir o grau de conhecimento dos mesmos em relação à entidade sindical. Outra questão levantada referia-se à importância da elaboração de um informativo que assegurasse a manutenção de um canal de comunicação entre os atores envolvidos no processo.

Foram entrevistados 20 trabalhadores rurais e dez sindicalistas e diretores de associações, entre homens e mulheres, nas várias faixas etárias.

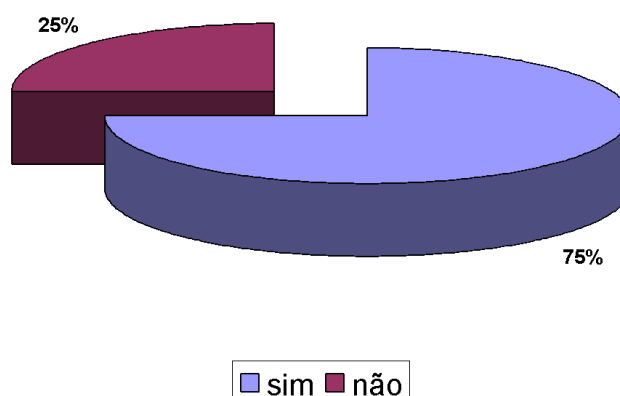
As perguntas elaboradas foram fechadas e de múltipla escolha, no sentido de facilitar a compilação dos dados.

O perfil dos líderes do sindicato, das associações e do público consumidor foi trabalhado na pesquisa realizada.

3.1 OS TRABALHADORES RURAIS

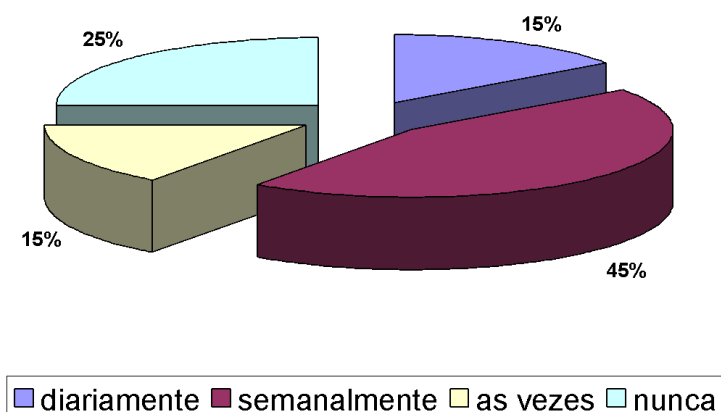
A primeira pergunta foi direcionada à leitura, se a pessoa entrevistada lia jornal. 75% respondeu positivamente, demonstrando que o informativo será lido, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Se lê jornal



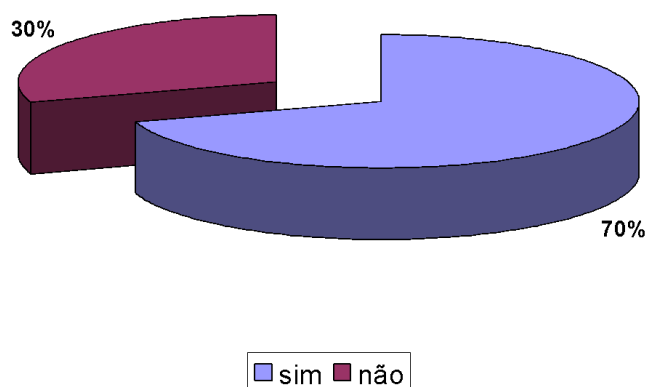
A segunda questão refere-se à periodicidade da leitura, com o objetivo de medir o quanto a pessoa lê. As respostas foram surpreendentes. 15% respondeu ler diariamente jornais; outros 15% respondeu também ler às vezes; 45% afirma que lê semanalmente; permanecendo os 15% que nunca lê.

É importante destacar que nas entrevistas as pessoas que lêem responderam que não o fazem com mais frequência em razão de não encontrarem ou não terem acesso. Outro ponto importante é que não se tem o hábito de comprar o jornal devido ao fato de normalmente o exemplar existente passar de mão em mão.

Gráfico 2 - A frequência

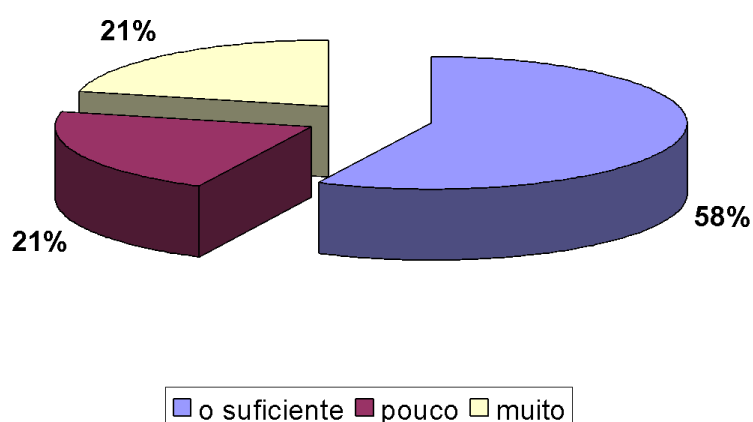
Na terceira questão o objetivo era saber se a pessoa entrevistada conhecia o sindicato. Um número significativo de 30% respondeu negativamente. Os demais responderam positivamente.

Nesse ponto destaca-se que o STR/BV não tem qualquer meio de divulgação e que este conhecimento é oriundo apenas do trabalho corpo-a-corpo realizado pela diretoria.

Gráfico 3 - Se sabe o que é o STR-BV

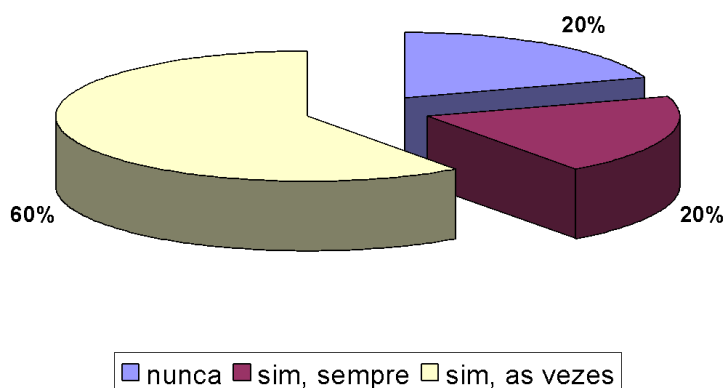
Já a terceira pergunta procurou medir o quanto o entrevistado sabe sobre o sindicato. 58% respondeu saber o suficiente e, empatados em 21% estão os que admitiram saber pouco ou muito, conforme demonstrado no gráfico 4.

Gráfico 4 - O quanto sabe do STR-BV



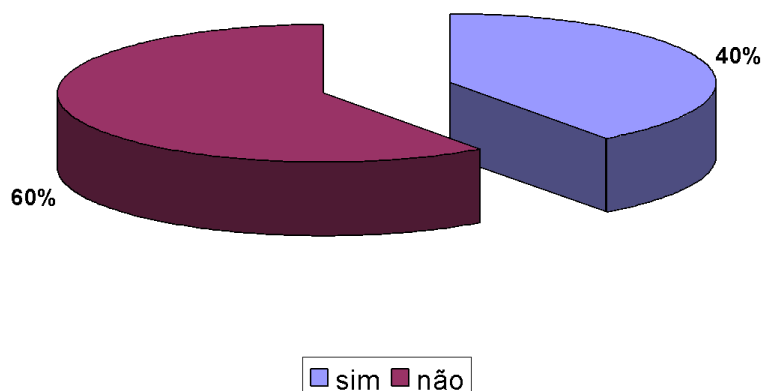
Sobre o acesso a informativos de outros órgão, empresa ou instituição do Estado, 60% dos entrevistados admitiu que sempre tem acesso a esse tipo de veículo de comunicação, 20% respondeu que nunca teve e os outros 20% afirmou que têm acesso esporadicamente.

Gráfico 5 - Se já teve acesso informativos de outros órgão



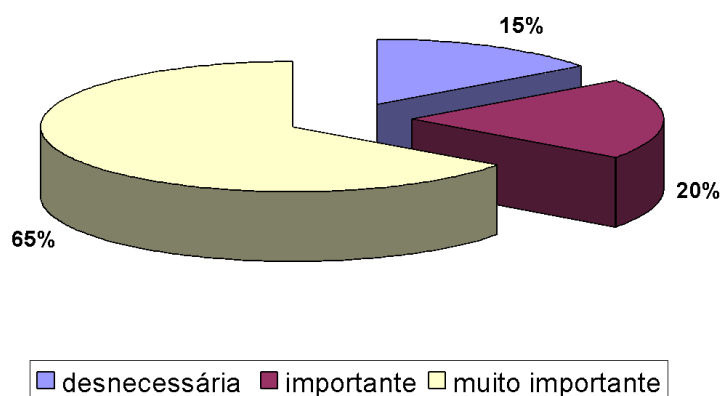
Este ponto da pesquisa, talvez seja o mais revelador, uma vez que buscou-se saber se as pessoas entrevistadas conheciam as ações desenvolvidas pelo sindicato e sua diretoria. Constatou-se que, apesar de 70% dos entrevistado saberm da existência do sindicato, quando a pergunta passou para as ações do sindicato, os papéis se inverteram. Apenas 40% garantiu conhecer as atividades da entidade, enquanto os outros 60% admitiu total ignorância dessas ações.

Essa questão vem reforçar a necessidade de o STR/BV divulgar mais as suas atividades.

Gráfico 6 - Das atividades do STR-BV

Questionados, ainda, sobre a idéia de o STR/BV editar um informativo direcionado para as ações do sindicato e assuntos ligados à agricultura familiar no município de Boa Vista, obteve-se como resposta o reforço à idéia defendida no parágrafo anterior, uma vez que 65% dos entrevistados admitiram ser de grande importância, 20% consideraram importante e somente 15% afirmam que tal ação seja desnecessária. Ou seja, somando-se os resultados favoráveis à elaboração do informativo rural, 85% consideram a idéia importante. Vale ressaltar, ainda, que, inclusive pessoas que não costumam ler jornais consideraram válida a iniciativa.

Gráfico 7 - Opinião sobre o STR-BV editar um informativo

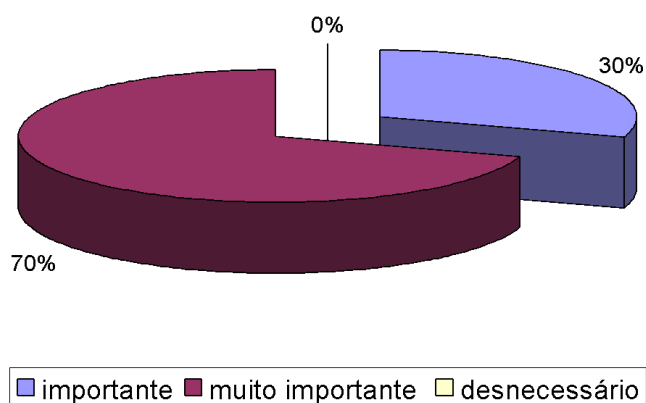


3.2 SINDICALISTAS E DIRETORES DE ASSOCIAÇÕES

Também foram ouvidos os sindicalistas do STR/BV e diretores de associações no sentido de saber opiniões e estabelecer contatos para posterior parcerias.

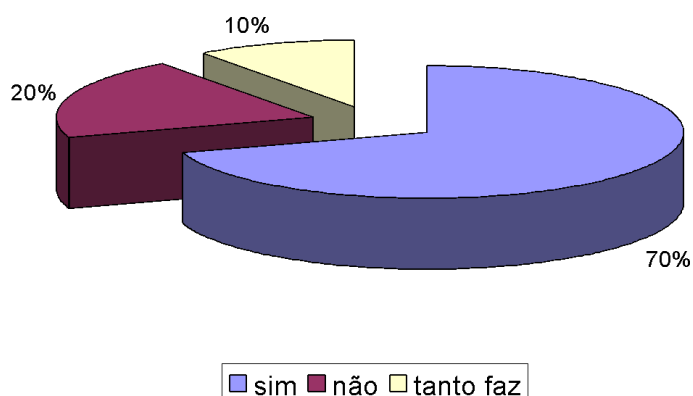
Na primeira questão foi repetida a última pergunta feita aos produtores rurais, sobre o que achava da idéia de o sindicato editar um informativo. 100% considera entre importante e muito importante, 30% e 70%, respectivamente. Nenhum entrevistado considerou desnecessário.

Gráfico 8 - O que acha da idéia de STR-BV elaborar um informativo



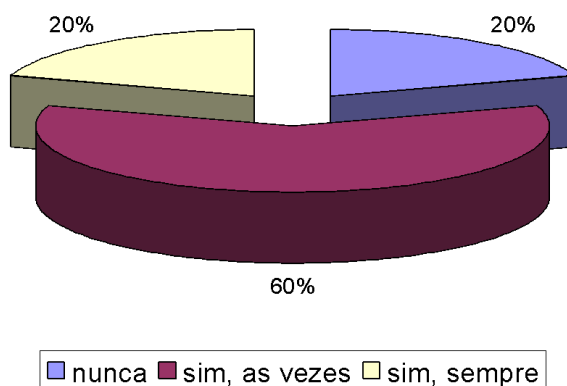
Perguntados, também, se caso o sindicato resolvesse editar o informativo se tinha interesse em ajudar na elaboração, 10% admitiram ser indiferente, 20% afirmaram que não gostaria de ajudar (os motivos foram diversos: falta de tempo, de conhecimento sobre o assunto e outros) e, 70% comprometeram-se em ajudar.

Gráfico 9 - Caso o informativo seja criado gostaria de participar da sua elaboração



Ao serem perguntados se têm acesso a informativos, principalmente de outros sindicatos de Roraima, a resposta foi que 70% recebem às vezes, 20% nunca recebem e os outros 20% recebem sempre.

Gráfico 10 - Tem acesso a informativos de sindicatos, órgão ou empresas de Roraima



O resultado da pesquisa demonstra que o objetivo de implementar um informativo rural vai ao encontro das necessidades dos agricultores assim como dos sindicalistas e diretores das associações, já que foi refletida a significativa carência de informações entre essas partes interessadas no desenvolvimento da agricultura familiar no município de Boa Vista-RR.

CAPÍTULO IV

O INFORME RURAL

4.1 PROJETO GRÁFICO

4.1.1 Descrição do produto gráfico

O INFORME RURAL trará às seguintes especificações técnicas:

Tipo de serviço: Informativo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista (com o nome provisório INFORME RURAL), cujo nome será definido em concurso a partir da segunda edição.

Tiragem: 1.000 (mil) exemplares

Formato:

Aberto: 42 x 30 cm (A3)

Fechado: 21 x 30 cm (A4)

Formato das colunas:

3 colunas

Largura: 5,2 cm

Altura: 20 cm

Espaçamento: 0,5 cm

Quantidade de cadernos: 1 (dois) e 4 (oito) páginas

Base de impressão: papel sulfite alcalino – 75 g/m

Processo de Impressão: Off-set – plana

Cor da impressão: 1 (monocromático) - preta

Fotolitomontagem: Filme Limpo com aplicação de degradê, retículas e escalas de cinza.

4.1.2 Descrição do Projeto Gráfico

Criação/Design: Jornal Informativo com aplicação de efeitos gráficos.

Diagramação: Modular (horizontal e vertical)

Editoração: Eletrônica Page Maker 6.5

Composição: fria com fonte Tahoma/ Futura Md Bt

Formato da composição:

Título do Jornal = C 24/130

Título das Matérias Principais = C 30/40

Títulos das Matérias Secundárias = C 24/36

Corpo do Texto = C 12

Boxes = C 11

Legendas = C 09

Entrelinhamento: 14,2 (Page Maker)

Alinhamento:

Títulos das Matérias: Centralizado

Textos: Justificados

Estilo da composição: Normal, negrito e itálico.

Grafismos utilizados: Fotos, grafismo de natureza simples, fundos reticulados, utilização de degradê e formas geométricas.

Ritmo de leitura: Ritmo em “Z”

Harmonia: Dar-se-á através do balanceamento dos textos com as fotos e grafismo.

Mancha gráfica:

Área total: 21 cm x 30 cm = 630

Mancha gráfica: 16,5 x 25 cm = 412,5 cm

Margem lateral direita: 2,4 cm

Margem lateral esquerda: 1,8 cm

Margem superior: 2,1 cm

Margem inferior: 3,0 cm

Modulação da mancha gráfica:

Páginas internas: 5% cabeçalho

Página 1: 25% cabeçalho, 10% box, 60% matéria principal

Página 2: 40% editorial, 30% box, 25% expediente

Página 3: 75% notícias c/ foto, 20% box

Página 4: 75% matéria c/ foto, 20% box

4.2 BRIEFING DO PROJETO GRÁFICO E ESPECIFICAÇÃO TÉCNICA

Demanda: Existente e progressiva ao limite da base sindical dos trabalhadores rurais de Boa Vista.

Público Alvo: Sindicalistas, dirigentes de associações de moradores e produtores nas regiões de atuação do STR/BV

Área de localização/Atuação: Zona Rural da Cidade de Boa Vista, bem como distribuição nos demais sindicatos com base de representação nos demais municípios do Estado de Roraima.

Nível intelectual: Apresenta grau de dificuldade baixo/intermediário, devido à especificidade do público alvo. Não deve influenciar no padrão de qualidade dos textos, sendo um desafio à parte devido a adaptação da linguagem. Transmitir a mensagem, traduzindo o “agronômês” e o “sindicalês” para o público a que se destina.

Articuladores: Associações de Moradores dos bairros que compõem o Cinturão Verde de Boa Vista e a zona rural da capital, assim como a Fetag e a Central dos Assentados de Roraima – CAR.

Distribuição: Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista.

Periodicidade: Mensal.

Distribuição: Gratuita.

CONCLUSÃO

Com base no resultado da pesquisa bibliográfica e da entrevista concedida pelo jornalista Pablo Sergio, confrontada com a realidade local, constata-se a inexistência de jornalismo sindical no estado de Roraima, já que as experiências existentes não têm conseguido se enquadrar nas definições exigidas, pela ausência de periodicidade e de linguagem jornalística.

Por outro lado, denota-se a ânsia da categoria dos produtores rurais de Boa Vista em possuir um meio de comunicação que permita a informação e interação com suas entidades representativas. Identificou-se a necessidade de informação relativa a acontecimentos, às novas tecnologias, aos cuidados com o meio ambiente, mercado e financiamento. O informativo também permitirá a interação entre os agentes envolvidos, possibilitando a participação na elaboração e na produção do jornal como um todo, inclusive com anúncios e classificados.

Outro ponto para o qual contribuirá com este projeto inédito será a parceria entre o Sindicato, as associações e a Fetag, não só no custeio, mas no planejamento e nas tomadas de decisão.

Vale ressaltar que não se trata apenas de um instrumento para conseguir nota para a obtenção de grau de bacharel, pretende-se dar continuidade. Inclusive, faz parte deste trabalho o informativo pronto para a distribuição com tiragem de mil exemplares.

Ao realizar este trabalho, deparou-se com uma nova perspectiva de trabalho profissional e social local, já que o jornalismo sindical desponta como um novo mercado de trabalho, sendo este projeto a primeira experiência de jornalismo sindical no Estado de Roraima.

A pesquisa não pretendeu esgotar o tema mas, além de contribuir como sugestão para a problemática vivida pelos produtores rurais, sindicatos e associações agrícolas, contribuir como fonte de pesquisa para a comunidade acadêmica em estudos mais aprofundados sobre o objeto estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMOVAY, Ricardo. *Uma nova extensão para a agricultura familiar*. Seminário nacional de assistência, técnica e extensão rural, Brasília-DF, 1997. http://www.econ.fea.usp.br/abramovay/artigos_cientificos/1998/Agricultura_familiar_e_servico_publico.pdf

COSTA, Luiz Pereira da. *Análise da política fundiária do estado de Roraima*. Boa Vista-RR, 1998.

FERRAZ, Marcos Alexandre dos Santos, *Jornalismo nos Sindicatos: Da prática à abstração da ação sindical* - Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000. pessoal.bridge.com.br/sindicalismo/comunicaçãosindical.rtf

FRANÇA, Fábio e FREITAS, Sidineia Gomes. *Manual da Qualidade em Projetos de comunicação* – São Paulo: Pioneira 1997.

GIANNOTTI, Vito; SANTIAGO, Cláudia. *Imprensa sindical: falando para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTOYA, Marco Antonio. *Mudança Estrutural No Agronegócio Brasileiro e Suas Implicações na Agricultura Familiar*. Universidade de Passo Fundo. Faculdade de Economia e Administração. Centro Regional de Economia e Administração, Textos para discussão, texto 11, 1998. <http://www.upf.tche.br/cepeac/textos.html>

APÊNDICE - O jornal produzido (pronto)

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO I

(Sindicalistas e diretores de associações)

1- O que você acha da idéia de se elaborar um informativo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boa Vista?

☐ desnecessária

☐ importante

☐ muito importante

2- Caso o informativo seja criado, você gostaria de poder sugerir o nome e/ou os assuntos a serem abordados?

☐ sim

☐ tanto faz

☐ não

3- Você teve ou tem acesso a informativo de algum sindicato, órgão, empresa ou instituição aqui do Estado?

☐ nunca

☐ sim, às vezes

☐ sim, sempre

ANEXO II
QUESTIONÁRIO II
(Trabalhadores rurais)

1- Você lê Jornal

☐ sim

☐ não

2- Com que frequência?

☐ diariamente

☐ semanalmente

☐ as vezes

☐ nunca

3 - Você sabe o que é o Sindicato dos trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista?

☐ sim

☐ não

4- Caso tenha respondido ***sim*** à pergunta anterior, com relação ao Sindicato dos trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista, você sabe:

☐ o suficiente

☐ pouco

☐ muito

4- Você tem ou teve acesso a algum informativo de órgão, empresa ou instituição aqui do Estado?

☐ nunca

☐ sim, às vezes

☐ sim, sempre

5- Você conhece as atividades do Sindicato dos trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista ?

☐ sim

☐ não

6- O que você acha da idéia do Sindicato dos trabalhadores Rurais do Município de Boa Vista elaborar um informativo para, entre outras coisas, esclarecer a população sobre os serviços que ele presta à sociedade em geral?

☐ desnecessária

☐ importante

☐ muito importante

ANEXO III

INFORMATIVO SINDICAL DE FLORIANÓPOLIS-SC

papel JORNAL

sjsc pj online serviços notícias debates livros legislação clipagem sindicalize-se talentos links e-mail

Papel Jornal nº 27 - dezembro/2002

Seminário discute trabalho em assessoria sindical



Foi realizado no dia 9 de dezembro, em Florianópolis, o I Seminário de Imprensa Sindical. Organizado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público (Sindprevs/SC) em comemoração ao 10º aniversário do jornal "Previsão", o Seminário reuniu jornalistas que atuam em sindicatos e organizações populares. Durante todo o dia foram abordados temas como a relação entre os jornalistas e dirigentes, a ética na assessoria e o contraponto que a imprensa sindical pode dar à mídia tradicional.

Profissionalização

Numa época em que poucos sindicatos possuíam assessorias de imprensa, a implantação do "Previsão" abriu espaço para a profissionalização no meio sindical catarinense. Para o jornalista Luciano Faria, responsável pela criação do jornal, os previdenciários trilharam o caminho correto, contratando primeiro um jornalista, e com o auxílio deste montando o informativo.

De lá para cá, muitos sindicatos profissionalizaram o setor de imprensa. Mesmo assim, Faria considera que os jornais sindicais evoluíram mais na forma do que no conteúdo. Com ele concorda Samuel Lima, assessor do Sindicato dos Motoristas e Cobradores (Sindimoc) e ex-dirigente sindical dos bancários, para quem o jornal sindical precisa apresentar mais fatos que versões, mais dados que opiniões, pois só assim obterá credibilidade junto aos filiados. "Se tem opinião, abre aspas e fecha aspas. Tem diretor para dar opinião", avalia. O professor Francisco Karam, da UFSC, fez coro aos jornalistas, considerando que a informação adjetivada é um dos grandes problemas para que a mídia sindical tenha mais credibilidade.

Outro problema apontado como entrave para a efetiva transmissão da informação é a linguagem utilizada. Vito Gianotti, coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação - entidade que realiza cursos para dirigentes sindicais e jornalistas sobre comunicação sindical e popular - acredita que as notícias, na mídia sindical, pecam por usar dialetos incompreensíveis ou mesmo chatos. Evitá-los, substituindo tais expressões por outras de uso comum irá melhorar a legibilidade e compreensão.

Muitos problemas enfrentados na mídia sindical não diferem dos encontrados em outras assessorias. A expectativa de que o profissional faça um pouco de tudo - RP, marketing, jornalismo, fotografia, etc. - ou que vá resolver todos os problemas através da comunicação é um exemplo. Alguns sindicatos esquecem até que

todo o trabalho da assessoria de imprensa deve ser pensado e planejado com base no planejamento político, e nunca o contrário. Por isso o jornal jamais poderá ser o centro da ação sindical.

Reclamar da falta de verbas também é um discurso comum em sindicatos e ONGs. Mas Gastão Cassel, jornalista que assessora o movimento popular e sindical através da Quórum Comunicação, lembra que a destinação de verbas é uma questão de prioridades. Infelizmente muitos sindicatos só valorizam a comunicação quando os problemas já aumentaram consideravelmente de tamanho.

Posição política



A mídia sindical é geralmente considerada parcial e partidária, por explicitar suas posições. O que muitos se esquecem é que a abordagem que um veículo de comunicação dá para a notícia tem embutida um posicionamento político, o qual geralmente não coincide com o dos sindicatos e trabalhadores, avalia Vito Gianotti. Mostrando diversos exemplos, como o de uma matéria veiculada no Jornal Nacional que indicava a falta de planejamento familiar como causa da fome - sem citar má distribuição de renda, desvio de dinheiro, corrupção, etc. - Gianotti buscou demonstrar a tese de que a abordagem da grande imprensa se dá por um viés político que se encaixa aos interesses econômicos destas empresas. No caso, a Globo veiculava uma idéia antiga, de um dos pais do liberalismo, chamado Thomas Malthus.

“A mídia é o grande instrumento no qual se trava a disputa pelo direcionamento político, cultural e moral da sociedade”, considera Gianotti. Infelizmente os sindicatos e as centrais sindicais ainda não entenderam a importância e a centralidade da mídia nesta disputa. Caso contrário, já teriam um jornal de circulação aberta, ou usariam mais a internet, rádio, tvs comunitárias e todos os outros meios de comunicação de massa disponíveis.

Pois não há como disputar a hegemonia política somente com jornais sindicais. “Quem vai na banca, e paga para levar o Diário Catarinense ou qualquer outro jornal para casa, está em busca de informação. Quem recebe o boletim do sindicato nas mãos, de graça, não”, lembra Gianotti.

Independência

Atuar na imprensa sindical nem sempre é garantia de maior liberdade nas pautas e na abordagem da informação. Para o jornalista Celso Vicenzi, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas e atual assessor do Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Sintrafesc), muitos dirigentes que se dizem críticos da falta de independência editorial dos grandes jornais buscam direcionar o trabalho do assessor. Não é o caso no Sintrafesc, no qual após a reunião de pauta com os dirigentes Vicenzi tem carta branca para produzir o jornal.

Com ele concorda Gastão Cassel, que considera que muitos jornais sindicais servem apenas para levar à categoria a opinião dos dirigentes, e não para informar sobre fatos relevantes da relação trabalhista ou do mundo que nos cerca. Para ele, dirigente que “dá a linha” da comunicação retira todo o caráter jornalístico da imprensa sindical, pois faz com que a informação seja totalmente direcionada. Para ele um informativo sindical só terá credibilidade quando for pautado pela categoria. Aproveitar os espaços com histórias humanas, reportagens ou fatos detalhados pode aumentar os índices de leitura e a credibilidade dos informativos sindicais, considera Cassel.

Além de trabalhar a comunicação sindicato-filiado, assessor de imprensa deve também direcionar seu trabalho para a grande imprensa. A mídia sindical pode, e deve, oferecer um contraponto aos assuntos veiculados na mídia, levando a repórteres e pauteiros fontes de informação com pontos de vista diferenciados dos tradicionalmente veiculados.

Novas tecnologias

Mas não só de boletins ou jornais impressos vive a imprensa sindical hoje. Para o assessor de imprensa do Sindicato dos Jornalistas, Sílvio da Costa Pereira, a internet é uma grande aliada, conseguindo inclusive baixar os custos de produção e veiculação da informação. Destacando a experiência do SJSC, que tem hoje o site e e-mails como os principais meios de comunicação com os filiados, ele acredita que o assessor precisa avaliar quais mídias são mais usadas por cada público. Ferramentas e suportes digitais não podem ser esquecidos, nem endeusados.

Luciano Faria, por outro lado, lembrou que o uso de diversos softwares - de paginação, tratamento de imagens, publicação na internet, etc. - estão afastando cada vez mais os jornalistas da escrita. "O mouse é mais instrumento de trabalho que o teclado", avalia. Para ele o assessor de imprensa está realizando cada vez mais tarefas, e isso o afasta do trabalho básico de apurar informações e escrever.

[*volta à página principal do PJ-27*](#)

SJSC - Av. Mauro Ramos, 1624 - Centro - Florianópolis (SC) - 88020-302 - Fone: (48) 228.2500 - Fax: (48) 228.5908

[SJSC/ Histórico/ PJ on line/ Serviços/ Notícias/ Debates/ Livros/ Legislação/](#)
[Clipagem/ Sindicalize-se/ Galeria/ Talentos/ Diretoria/ Links/ E-mail](#)

Copyright © 1999 - SJSC - Projeto: Malu Echeverria - Todos os direitos reservados.